

**ANTÍTESE DA VIDA E
MORTE EM *DE GADOS E
HOMENS*,
DE ANA PAULA MAIA¹**

*ANTITHESIS OF LIFE AND
DEATH IN THE WORK DE
GADOS E HOMENS,
BY ANA PAULA MAIA*

Liliane Lenz dos Santos – UNEMAT²

RESUMO: No romance *De gados e homens*, lançado em 2013, a autora contemporânea Ana Paula Maia traz várias situações com a antítese vida e a morte, tema bastante relevante na escrita moderna. O narrador conta a história de alguns homens que vivem a realidade de um matadouro, onde a morte traz a vida, a sobrevivência

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr^a. Vera Maquêa no PPGEL-UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Doutoranda no PPGEL/ UNEMAT. Professora da Educação básica do Estado de Mato Grosso. E-mail: liliane.lenz@unemat.br

não só dos homens que dele dependem, mas de todas as pessoas que são alimentadas pela carne produzida naquele ambiente. Nesse artigo pretendemos discutir sobre a antítese de vida e morte demonstrada no Rio das Moscas, que deveria ser fonte de vida, mas passa a ser condutor de morte, a vida e morte nas personalidades de alguns personagens que tinham prazer na morte de outrem ou demonstravam respeito em matar, por precisar sobreviver, como também é apresentado a antítese morte e vida na miséria que circunda a vida das famílias que moram próximo ao matadouro, miséria escancarada, mostrando que a vida está se esvaindo, mas que a morte pode trazer esperança. Sendo assim, este artigo procura proporcionar aos leitores atentos uma reflexão sobre a vida e a morte, tendo como aporte teórico os autores RODRIGUES (1995), VOVELLE (1996), ARIÉS (1977), CANDIDO (1972) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Paula Maia; *De gados e homens*; Antítese; Obra contemporânea; Vida e morte.

ABSTRACT

In the novel *De gados e Homens*, released in 2013, the contemporary author Ana Paula Maia brings several situations with the antithesis of and death, a very relevant theme in modern writing. The narrator tells the story of some men who live the reality of a slaughterhouse, where death brings life, the survival not only of the men who depends n it, but of all the people who are fed by the meat produced in that environment. In this article we intend to discuss the antithesis of life and demonstrated in Rio das Moscas, which should be a source of life, but becomes the conductor of death, life and death in the personalities of some characters who took pleasure in the death of others or demonstrated respect for killing, for needing to survive, as is also presented the antithesis of death and life in the misery that surrounds the lives of families who live near the slaughterhouse, wide-open misery, showing that life is disappearing, but that death can bring hope. Therefore, this article seeks to provide attentive readers with a reflection on life and death, having as theoretical support the authors RODRIGUES (1995), VOVELLE (1996), ARIÉS (1977), CANDIDO (1972) among others.

KEYWORDS: Ana Paula Maia; *De gados e homens*; Antithesis; Contemporary work; Life and death

Introdução

No romance de Ana Paula Maia, *De gados e homens*, publicado em 2013, se apresenta uma narrativa muito instigante em que se conta a história de homens que trabalham e vivem em um matadouro. Nessa obra há a presença constante da antítese da vida e morte, haja vista que ambas circundam diariamente as personagens, seja através do trabalho, do rio, do sangue ou da miséria do homem.

A antítese é um dos procedimentos linguísticos que possibilita a compreensão do texto por contraste entre limites, pois estabelece relações entre palavras que têm significados opostos, permitindo uma reflexão por parte do leitor. Sendo a antítese uma figura de linguagem caracterizada pela aproximação de conceitos contrários ou de ideias opostas, os conceitos antônimos não se contradizem, nem representam uma realidade absurda, apenas se encontram próximos, sendo que cada conceito indica um referente distinto.

Vida x Morte

A vida e a morte fazem parte constante da existência humana, são elementos contrários que não podem existir um na presença do outro, mas também se complementam a todo instante. O ser humano nem sempre teve a noção da finitude da própria vida, mas desde que passou a refletir sobre a sua existência, a morte se tornou uma preocupação e motivo de sofrimento, pois começou a tentar desvendar os mistérios envoltos a esse tema.

No decorrer da história as atitudes e percepções sobre a morte passaram por grandes mudanças, modificando também as concepções de vida. Segundo Moreira e Lisboa (2006, p. 451), “o ser humano sempre buscou desvelar os mistérios que envolvem questões acerca do destino final da vida e os saberes filosófico e religioso se encarregaram de elaborar tais explicações”.

O conceito de morte difere de acordo com a época, região ou religião presentes, sendo vista de maneiras díspares entre o ocidente e oriente, povos antigos e atuais ou entre as diversas religiões, como

o cristianismo e o espiritismo, porém todas elas esbarram no fator da existência na terra.

Na atualidade e dentro do contexto ocidental, a morte está sempre associada à tristeza e ao sofrimento, ainda que na visão cristã a morte é como um sono, em que o indivíduo poderá ressuscitar quando Jesus voltar e assim rever os seus queridos. Segundo a Bíblia, esse sentimento de dor e tristeza se dá pelo fato de o ser humano não ter sido criado para morrer; foi criado sim para ter a vida eterna, mas com a entrada do pecado a morte também alcançou o mundo caído. Ainda de acordo com as escrituras sagradas, a morte nunca foi plano de Deus, quando afirmou em João 11:25, “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (BÍBLIA, Edição João Ferreira de Almeida).

Na visão geral, a morte é vista de maneira diferenciada da visão cristã, e como foi dito, mudou de sentido em vários contextos da história. Na Idade Média por exemplo, a morte era algo esperado, pois todos sabiam que um dia morreriam, então isso dava oportunidade às pessoas de se prepararem e morrer próximas aos seus. O que temiam era a morte súbita, pois esta tirava a possibilidade da preparação e despedida (KOVÁCS, 1992, p. 32).

Nos séculos V e VI, segundo Ariès (1977), a morte continuava a fazer parte do cotidiano do ser humano e era vivida sem dramaticidade, ficando os familiares em volta do caixão por dias seguidos. Diante disso, no período medieval, o moribundo preparava o próprio meio de findar a sua existência, porque para ele a morte não significava a ruptura com a vida, pois tinha a visão cristã de que a morte era apenas uma separação temporária, o que transmitia conforto aos familiares.

Ainda na Idade Média, continuando a reflexão de Ariès (1977, p. 32), começaram a surgir interrogações sobre a vida e a morte, sobre a ressurreição e a vida eterna, fazendo com que as pessoas dessa época comessem a temer pela morte, procurando cuidar o máximo possível da vida.

Com o surgimento da burguesia, a morte começou a ser vista por outros ângulos, as concepções acerca da finitude da vida começaram a ser reformuladas. De acordo com Rodrigues (1995, p.

15), no mundo medieval a relação com o corpo era aberta e expansiva, porém se diferenciava por completo da visão que o burguês tinha do corpo, vendo-o como um meio para produção de bens. Esse autor afirma que os cemitérios ficavam no centro da comunidade, pois os mortos não eram tidos como inconvenientes. Posterior a essa época, diante das mudanças culturais e sociais, a morte passou a ser vista de maneira dramática, surgindo as cenas de choro e cerimoniais de luto (ARIÈS, 1977, p. 75),

Na atualidade o tema da morte, que sempre fora um tabu, tem sido discutido amplamente por alguns autores contemporâneos,

[...] pode-se dizer que a época contemporânea, a partir do século XVIII, está marcada pela proliferação do discurso literário sobre a morte. Sob múltiplas formas, até na mídia atual (a televisão, o cinema) o discurso faz explodir o quadro tradicional em que até então, se exprimia o imaginário coletivo (VOVELLE, 1996, p. 15).

Por isso, o estudo aprofundado desse tema deve levar em conta suas diversas dimensões. Spilka, Stout, Milton e Sizemore (1977, p.170) consideram oito aspectos fundamentais. Como o presente artigo não visa se aprofundar na questão da morte, somente apresentaremos os aspectos sugeridos pelos autores acima, que são: 1. *Dor e solidão*: representando a morte como um momento de agonia e muito sofrimento; 2. *Vida do além*: apontando a morte como a possibilidade de uma vida melhor e sem sofrimento; 3. *Indiferença*: indicando a morte como um evento indiferente ao ser humano; 4. *Desconhecida*: apresentando a morte como um elemento de mistérios, de desconhecimento, uma incerteza; 5. *Abandono*: colocando a morte como um método de abandono dos entes queridos; 6. *Coragem*: mostrando a morte como uma oportunidade de demonstrar coragem diante dos últimos instantes de vida, sendo como um último teste; 7. *Fracasso*: indicando a morte como algo que impede o desenvolvimento do potencial do ser humano, perdendo todo o sentido da vida; 8. *Fim natural*: sugerindo a morte como um fim natural de todo ser humano.

Na atualidade a morte continua emitindo sensações de

medo e ansiedade entre muitas pessoas, em especial àquelas que passam por problemas existenciais. Se antes o ser humano buscava no mito e na magia respostas para suas indagações, hoje recorre à religião ou outras formas, que do mesmo modo respondam às suas inquietações, mas o fato é que a morte continua presente como um tema fundamental na vida de todo ser humano, através do medo ou da aceitação, sendo dois elementos contrários que se complementam. Isso pode ser visto no romance aqui destacado, em que a relação com morte mostra as sensações diferentes em cada ser humano, como o medo ou a satisfação, o amor ou o ódio.

Antítese 1 - O rio das Moscas: Fonte de vida e conduto de morte

A água é um dos elementos mais importantes para a existência humana, compõe cerca de 60 a 70% do nosso corpo, regula a temperatura interna e é essencial para as funções orgânicas, da mesma forma a água é essencial para a existência do planeta terra. A biologia ensina que não pode haver vida sem água, que todo ser vivo, plantas, animais, homem, tudo precisa de água para sobreviver. Porém não é só a biologia que retrata a importância da água, a história também a refuta como elemento essencial à vida.

A história mostra como as civilizações se criaram e desenvolveram em volta dos rios. As primeiras grandes civilizações se estabeleceram onde a água era abundante, sendo vales com lagos ou rios caudalosos, como o caso do rio Nilo, no Egito, rio Tigre-Eufrates na Mesopotâmia, vale do Indo, no Paquistão, vale do rio Amarelo, na China, entre outros. Essas civilizações criaram um sistema de irrigação deixando o solo fértil e produtivo e com isso prosperavam.

Na atualidade esse sistema também é importante, pois toda cidade necessita de um rio próximo que possa abastecê-la e suprir suas necessidades, não havendo possibilidade da existência de vida longe da água. O rio mata a sede, pois sua água é doce, limpa e promove o cozimento dos alimentos, higieniza o corpo e o ambiente em que vive o ser humano, evitando propagação de doenças, traz

alimentos como peixes e vários outros meios de sobrevivência, serve como transporte, o que também gera sobrevivência e produz a energia elétrica.

Como vimos, o rio é fonte de vida para o ser vivente. No romance *De gados e homens* há a presença de um rio, chamado de o Rio das Moscas. O nome já remete o leitor a um rio morto, sujo e nojento, destacando assim a antítese tão presente na obra de Ana Paula Maia, a vida e a morte.

O rio das Moscas serve não totalmente como fonte de vida àquele povo, mas como depósito da morte, depósito de restos de animais, lixo, dejetos e até mesmo corpos humanos. O narrador o descreve:

Chama-se Rio das Moscas, e, desde que os matadouros cresceram na região conhecida como Vale dos Ruminantes, suas águas limpas encheram-se de sangue. No fundo desse rio está depositado todo tipo de coisa, orgânica e inorgânica. Humana e animal. (MAIA, 2013, p.35)

Esse rio, que já fora limpo, foi contaminado pela sujeira produzida ao seu redor, a sujeira do homem que muitas vezes age de igual forma ou pior que um animal, foi contaminado pela ganância e falta de reconhecimento da sua importância enquanto fonte de vida. Nele foi depositado tudo o que era ruim e degradante, sendo restos de lixo, de bichos e de homens. “No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar”. (MAIA, 2013, p.21)

Zeca é apresentado como um personagem ruim, que não respeita o próximo, tendo prazer no sofrimento, quando mata os animais, sua

marretada propositalmente não é certa, e o boi, gemendo, caído no chão, se debate em espasmos agonizantes. Zeca suspende a marreta e arrebenta a cabeça do animal com duas pancadas seguidas, fazendo o sangue respingar em seu rosto”. (MAIA, 2013, p.13)

A morte aqui escancara o sentimento animalesco de um homem que tem prazer na morte, ele não só se importa com a vida, mas tem satisfação ao ver a dor, o sofrimento, a vida se esvaindo do ser, mostrando o seu caráter e atitude não só perante os animais, mas perante a sociedade.

O rio, que oferece vida, recebe a morte, recebe um homem mal e sem vida, representando a pior espécie de ser humano indo direto para o seu interior, como se estivesse voltando ao ventre da mãe, tendo o rio a incumbência de levá-lo e entregá-lo ao mar.

Nessa obra o rio não é apresentado como agente de vida, mas sim como receptor da morte. A morte se naturalizou nesse ambiente, de maneira que o rio, sinônimo de vida, faz parte do cenário mórbido da narrativa, mas ainda com um fio quase imperceptível de esperança de vida.

É um rio morto e raramente se vê alguém pescando nele. Alguns usam pequenos barcos rudimentares para atravessá-lo em dias calmos e outros arriscam buscar um peixe contaminado que ainda se debata. Os peixes, mesmo mortos, brilham, e ainda assim seus olhos espelham a luz do dia. (MAIA, 2013, p.35)

O peixe representa a sobrevivência que o homem busca em um rio aparentemente morto, mas que ainda pode oferecer algo de bom para a vida de alguém, porém esse peixe também está quase sem vida, podendo representar que a esperança também pode-se ir por completo e assim o rio não só conduzirá, mas proporcionará morte.

Ainda que o rio procure oferecer esperança, em um dado momento da narrativa ele também expele seus últimos suspiros, pois a ação do homem tanto o maltratou que ele não suporta, não somente morrendo, mas matando a quem proporcionava vida.

O narrador apresenta essa morte de maneira sutil, num diálogo entre alguns personagens que percebem a apatia do rio que oferece nesse instante peixes se debatendo debaixo de um sol brilhante, onde o cheiro era praticamente insuportável, então se dão conta que o rio, que poderia proporcionar prazer e vida, está morto. Assim,

Edgar Wilson suspende seu chapéu modelo caçador australiano e estende o olhar de tal maneira que parece tocar a linha tênue que liga as águas turvas do rio ao céu.

___ O rio está morto _ afirma Edgar Wilson, para em seguida dar costas e retornar para a caminhoneta. (MAIA, 2013, p.100-101)

O rio precisava de ajuda, assim como as pessoas que viviam por ali, mas essa ajuda não foi recebida, permitindo que todos, ainda que vivos, estivessem mortos.

Edgar Wilson, protagonista do romance, parou e analisou o estado do rio, dando esperança ao leitor, mas virou as costas e não se importou, de maneira que não se importou com a vida de seus companheiros ou até mesmo com a sua própria, mostrando o descaso para com o ser humano.

Antítese 2 - Morte e vida diante dos personagens no matadouro

“Porque a vida da carne está no sangue”, (BÍBLIA, Levítico 17:11).

Em volta do Rio das Moscas havia muita vida e morte, haviam pessoas que residiam e que trabalhavam por ali, os homens de gado, eram assim chamados. Trabalhavam e viviam em um matadouro, viviam da morte. E as pessoas que residiam ali próximo, não trabalhavam com a morte, mas estavam quase mortas de fome, esperando a morte das vacas para lhes dar um pouco de vida.

Segundo o Dicionário *on-line* de Português, matadouro é o local onde se abate o gado para consumo público, podendo ser um local em que ocorrem massacre, carnificina, matança, acrescento que pode acontecer todas essas ações juntas. O livro que estamos discutindo apresenta um matadouro que fica próximo ao Rio das Moscas, é um lugar constantemente sujo e que cheira muito mal, a partir dessa imagem é possível ao leitor ser atingido de maneira catártica pela obra, que tem o papel de humanizar o ser.

Para Candido humanização é

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2011, p.182)

Diante de tal afirmação fica claro como a literatura, o texto ficcional tem o poder de tornar o homem mais humano, talvez não mais bondoso ou maldoso, apenas oferece a possibilidade de refletir sobre o outro, ou o mundo que o circunda.

Segundo Aguiar (2010, p.23) “a literatura tem sido, através dos tempos, um dos modos de registro da experiência humana”, tem suscitado os sentimentos mais profundos por intermédio do autor, que externa suas inquietações diante de um contexto nem sempre conhecido, pois como afirma Antonio Candido (1972, p. 176), “a literatura (...) não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

E nessa obra a literatura permite ao leitor refletir sobre a morte e a vida, elementos intrínsecos dentro dela. Nesse matadouro vivem pessoas que sobrevivem da morte, pessoas que se importam ou não com a dor do outro, pessoas que se importam em encomendar a vida do animal e proporcionar um momento de paz antes do golpe fatal, enquanto outros sentem prazer neste mesmo ato.

Essa obra permite discussões sobre um ponto de vista dentro de um ambiente contextualizado, no caso o matadouro, não procura mostrar uma realidade, mas refletir sobre o que se lê.

Se uma personagem de romance for exatamente igual à rainha Vitória – não parecida, e sim exatamente igual -, então ela é realmente a rainha Vitória, e o livro, ou todas as suas partes concernentes a esta personagem, deixará de ser um romance para se tornar um memorial. Um memorial é uma história, baseia-se em

evidências. Já o romance se baseia em evidências + ou - x , sendo essa incógnita o temperamento do romancista; e a incógnita sempre modifica o efeito da evidência; e às vezes até a transforma completamente. (FORSTER, 2004, p. 64-65)

A partir do exposto de Forster percebemos que o romance proporciona ao leitor a reflexão não sobre um matadouro, mas sobre a vida e morte dentro do contexto humano, os relacionamentos e relações com o outro, como já foi dito. Esse senso de realidade fará com que o leitor seja inserido dentro da história e crie afinidades com um ou outro personagem, abrindo mão da violência mostrada, mas se prendendo aos sentimentos apresentados, como é o caso do personagem Edgar Wilson, que não é um exemplo de virtudes, mas desperta certa compaixão por parte do leitor.

Edgar Wilson é a junção do nome de um dos maiores autores do século XIX, Edgar Allan Poe, com o personagem de um dos seus contos mais instigantes, Wilson. Esse personagem representa muito bem o segundo aqui citado, Edgar Wilson, pois Wilson (conto de Poe) representa a luta do instinto humano, instinto perverso, luxurioso, dominador, ambicioso, que age contra os ensinamentos morais destacados pelo ensino religioso nas escolas primárias.

No conto Willian Wilson, Wilson representa a voz da consciência sussurrando aos ouvidos do outro e impedindo que aquele fizesse atrocidades e cometesse atos pelos quais se arrependeria posteriormente. O próprio Edgar Allan Poe teve seus demônios e que em muitos momentos não foram controlados, em especial a respeito da bebida. Sendo assim, o personagem de Edgar Wilson, no romance *De gado e homens*, representa a consciência em meio à maldade e atrocidade, em meio ao ato do sacrificar, procurando poupar o sofrimento que ele mesmo causava ao outro, ainda que esse outro fosse um animal, a quem respeitava mais que o próprio homem. Ele

Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. É o seu ritual como atordoador. Suspende a marreta e acerta a frente com precisão, provocando um desmaio

causado por uma hemorragia cerebral. O boi caído no chão sofre de breves espasmos até se aquietar. Não haverá sofrimento, ele acredita. Agora o bicho descansa sereno, inconsciente, enquanto é levado para a etapa seguinte por outro funcionário, que o suspenderá de cabeça para baixo e o degolará. (MAIA, 2013, p. 11-12)

Edgar demonstra um certo respeito e compaixão pelo boi, antes de matá-lo, o faz porque só sabe fazer isso e a morte do animal significa a sua sobrevivência, e esse sentimento é transmitido ao leitor, que sente empatia pelo personagem, talvez porque se reconheça nesse personagem, não como um atordoado, mas como alguém que também não é de todo bom, mas precisa sobreviver no mundo capitalista.

Segundo Beth Brait,

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis aos seus movimentos. (BRAIT, 1993, p.52)

Ana Paula Maia foi certeira na dosagem desse personagem, ao mostrar ao leitor uma pessoa totalmente envolta pela morte, mas que não usufrui dos seus benefícios, matava animais todos os dias, mas nunca comeu um hambúrguer na vida. Demonstra a pobreza em que sempre esteve absorto o personagem, sendo um homem brutalizado e até mesmo em alguns momentos animalizado.

Outro personagem bastante instigante é o desmembrador do matadouro, Helmuth. Esse homem também sobrevive da morte e se sente satisfeito com isso. Da mesma maneira que Edgar, é um homem bruto e animalizado, que se vingou de uma forma um tanto grotesca quando descobriu que a mulher o traía, pois

Quando descobriu que era traído pela mulher

e que o filho que criava era filho de seu irmão, não se embebedou, não tirou satisfações, não fez ameaças ou mesmo tentou matar para lavar a honra.

Aproveitou a ausência da mulher, que havia ido visitar os pais em outra cidade, e [...] Helmuth derrubou todas as paredes da casa, arrebentou com toda a louça do banheiro, a pia de mármore da cozinha, desmontou a televisão, o rádio e a geladeira. As camas e o jogo de sofá rosa-salmão ele incendiou no quintal, juntamente com o guarda-roupa desmontado. Até o secador de cabelos ele desmontou, e ao abri-lo removeu tufos de cabelo da mulher que entupiam a saída de ar. Ajuntou seus poucos pertences e foi embora quando amanheceu. (MAIA, 2013, p. 25)

Ele foi cruel e premeditado ao esperar a esposa sair de casa e destruir o que mais importava para ela, a casa. Ela deixou o trabalho quando conseguiu construir e mobiliar a casa dos seus sonhos, e observando a miséria humana, é possível compreender a dor e decepção quando chegou em casa e não encontrou pedra sobre pedra.

A crueldade faz parte dessa obra tão interessante, permanecendo na antítese de que na vida e na morte há a crueldade, sendo o romance todo pautado nesse sentimento de imposição do sofrimento.

Crueldade vem do latim *cruur*, palavra que significava –tirar sangue–, –expor a carne crua sob a pele–. Um limite – a pele – é rompido, uma anormalidade é exacerbada, uma dor que foge ao tolerável aparece. Graus na exposição da carne ensanguentada dão a sua medida. Quando, sem sangue, metaforizada, a crueldade invade os domínios da alma, dos afetos, da moral, nos quais a violência é também inevitável, ela se exprime quase sempre por formas que juntam a cumplicidade à dissimulação (SANTOS. 2004. p. 41).

A crueldade, de alguma forma está ligado ao prazer espetacular do leitor, e ao narrar a violência, o romance cria uma

ligação entre os personagens e o leitor.

Outro personagem intrigante é Bronco Gil, como o próprio nome relata, é um homem taciturno e da mesma forma violento, bronco. É um índio que fora rejeitado pelo pai, que depois de um tempo foi atrás dele para ajudá-lo na fazenda, já que seus outros filhos haviam morrido. Ele viveu com o pai por dez anos, até que o homem morreu e ele findou a herança em pouco tempo com bebedeira e prostitutas.

Precisando sobreviver, foi empregado no Touro do Milo, se tornando o capataz do matadouro. “Bronco Gil é um mediador, um caçador, um carneador e um dos piores sujeitos que Edgar Wilson já conheceu”. (MAIA, 2013, 40)

Bronco Gil é apresentado ao leitor como alguém mais resignado, sem grande afinidade com o homem, preferindo aos bichos, mas ele é também preocupado com as pessoas que têm fome, cedendo a elas carne de boi morto, possivelmente doente, para que elas também não morressem de fome, mas mantendo a brutalidade, mesmo num gesto de cordialidade, como é demonstrado no episódio em que as mulheres suplicam por um pedaço de carne, no portão do matadouro, Bronco Gil:

Suspira. Olha ao longe.

___ Fiquem lá fora, depois da porteira. Se escondam no mato porque o meu patrão não quer vocês aqui. E, se eu perder o meu emprego, eu juro que mato todas vocês. Mato e esfolo o couro, entenderam? (MAIA, 2013, p.57)

Da mesma maneira que Edgar, essa personagem desperta no leitor uma certa empatia, pois é bruto, ruim, mas reconhece a miséria das pessoas e abre mão da sua própria segurança para amenizar a dor delas.

Sendo assim o matadouro, que se acerca do Rio das Moscas, também apresenta a antítese da vida e morte nas histórias pessoais e coletivas dos seus personagens, mostrando homens maus e bons, homens de morte que as vezes se preocupam com a vida.

Antítese 3 - A miséria da vida diante da morte iminente

A terceira e última antítese elencada nesse artigo é a miséria humana, posta de uma maneira nítida na obra. A autora se utilizou mais uma vez da realidade de muitas pessoas que não têm o que comer, não têm como alimentar seus filhos e imploram pela misericórdia de homens que muitas vezes não as observam e nem tampouco se importam com elas, então resta clamar a Deus por milagres, o que as vezes acontece.

A situação posta nessa obra é a presença de famílias paupérrimas que vivem próximas aos matadouros e imploram em orações que vacas cheguem mortas àquele local, pois assim os donos as incineram, pois querem excluir a hipótese de vender carne estragada e prejudicar os negócios, e antes que isso aconteça, as mulheres e crianças já estão a postos solicitando a carne estragada. Porém, nem sempre conseguem alcançar êxito nas solicitações, pois

O gado morto é colocado, um a um, sobre uma empilhadeira e despejado no improvisado crematório do matadouro, cuja fornalha já está acesa e cujo cheiro atrairá muitos cães ao longo de todo o dia, pois a cremação é sempre demorada.

Isso é tudo o que se pode fazer com o gado morto, pois a carne pode estar contaminada e o animal doente. Mesmo assim, o desperdício é pequeno. Os que estão sob observação terão até o dia seguinte para responder ao tratamento à base de água, ração e banhos de aspersão, caso contrário, serão lançados na fornalha. (MAIA, 2013, p. 48-49)

O gado que chega morto é cremado, a fornalha atrai as pessoas miseráveis, que são consideradas como animais, como cachorros atrás de um osso. Esse tratamento ao ser humano mais uma vez leva o leitor à reflexão, pois o direito ao mínimo de respeito deveria ser assegurado a qualquer um.

As pessoas estão submersas numa miséria profunda, implorando por migalhas, enquanto outros se empanturram de comida e se preocupam apenas com os próprios problemas. O gado

não é distribuído a essas pessoas não porquê o dono se preocupa com a saúde delas, já que o gado pode estar contaminado, mas se preocupa sim com os prejuízos que pode vir a ter, caso alguém passe mal. Elas só são atendidas quando alguém usa de misericórdia. Que foi o que aconteceu quando a mulheres pediram a Bronco Gil um pouco de carne, já que chegaram alguns caminhões que vinham de longe, e sabiam que tinha vaca morta, já que a fôrnalha estava acesa, mas Bronco Gil já avisava: “- Eu vou mandar um peão levar um pedaço do boi morto pra vocês. E, se alguém ficar doente por causa da carne, nem pense em voltar aqui pra reclamar. Vocês já sabem o que vai acontecer”. (MAIA, 2013, p. 57-58)

A morte para as famílias também era sinônimo de vida, pois a morte dos animais durante o trajeto era garantia, quando conseguiam obtê-los, de vida para os adultos e as crianças por mais um bocado de tempo. A fome e medo da morte se mostram tão presentes na obra que a autora narra um episódio alegórico em que as vacas se suicidam e sua carne é saqueada pelos moradores famintos, demonstrando exatamente o desespero de muitas pessoas que tantas vezes roubam para sobreviver. Edgar Wilson convida Vladimir, dono de uma retroescavadeira para buscar as vacas mortas, mas é impedido pelo amontoado de pessoas.

___ Aqui vocês não entram - diz um dos homens.

___ Esse gado tem dono - diz Vladimir. - Eu preciso recolher.

___ As vacas se jogaram lá de cima. Nossas preces foram ouvidas - fala outro homem do grupo, segurando um machado.

___ Essas vacas estão sob responsabilidade do Seu Milo - argumenta Vladimir.

___ Daqui vocês não passam. Vamos levar todo o gado. O homem suspende o machado.

[...]

Em pouco tempo há mais de cinquenta pessoas esquartejando o gado morto, juntando suas partes e empilhando sobre carroças, caminhonetes e bicicletas. Aqueles desprovidos de aparelhagem arrastam os pedaços pelo chão em sacos de náilon ou lona.

Não há nada que possa ser feito a não ser sentar e observar. Os abutres aguardam as vísceras que

ficarão perdidas no chão, as migalhas deixadas pelos cães. É no fim da tarde, quando restam apenas os urubus ciscando por um pedaço de tripa ou lasca de pele, mergulhando em poças de sangue, que chegam dois policiais. Imediatamente perguntam pelas vacas mortas. (MAIA, 2013, pp. 118-119)

Segundo os esfomeados, um milagre aconteceu, as vacas se mataram para que eles tivessem vida e essa vida foi defendida com a ameaça de morte. Levaram toda a carne, não sobrando para os “outros” animais, como os cachorros e abutres. É interessante perceber a complacência dos funcionários do matadouro, como também do dono, que nesse momento permitiu o prejuízo frente a impotência dos seus homens, como também o desespero de pessoas simples que queriam apenas sobreviver, nem que tivessem que matar por isso.

Os homens de gado, como eram conhecidos, também reconheceram em si aquela miséria, pois “[...] o preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo” (MAIA, 2013, p. 13). Sendo assim, a miséria rodeia não só os moradores, mas os matadores de bois também. Todos precisavam do sangue derramado dos bois para que tivessem possibilidade de permanecerem vivos.

Conclusão

O romance *De gados e homens* apresenta cenas de crueldade e violência que deixam os leitores que têm um olhar mais apurado atônitos, porém são cenas que retratam a realidade de muitas pessoas, talvez não com a matança, mas com os sentimentos de miséria, de medo, de fome ou de dor, entre muitos outros.

A obra mostra a antítese presente em todo momento de como a vida e a morte e caminham juntas diante da realidade de cada indivíduo, aceitando isso ou não, pois as pessoas vivem temendo a morte e matam, ou se alimentam da morte para manter a vida, pois

a vida é inerente a todo ser humano e muitas vezes a morte é o que proporciona uma vida estável.

O rio representa a condução da vida por todos os meandros, levando saúde, higiene e alimento, como também pode conduzir o fio da morte, os homens podem ser bons ou maus, podem ter prazer no sofrimento ou podem servir como a voz de consciência na tiranias do outro, e a miséria pode muitas vezes ditar as regras, machucando e maltratando seres que só precisam sobreviver.

A obra *De gados e homens* proporciona uma rica reflexão sobre o que realmente importa a ser humano, que tanto busca pela vida abundante, através de bens e ostentação e tantas vezes se omite ao simples fato de que a vida deve ser oferecida de maneira digna a todos.

Ana Paula Maia, através da violência de um matadouro, consegue apresentar ao leitor atento a vida e morte, diante de antíteses, permitindo a elaboração do que realmente é importante no caráter humano, consentindo ao leitor pensar em como a vida está se esvaindo diante da miséria humana, mas que a morte pode trazer esperança.

Bibliografia

AGUIAR, V.T; CECCANTINI, L.J; MARTHA, A.A.P. (Orgs.) **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica. ANEP, 2010.

ARIÉS, P. **História da morte no ocidente** (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BÍBLIA SAGRADA, Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. **A Literatura e a Formação do Homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2004.

MAIA, Ana Paula Maia. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MOEREIRA, A. C., & LISBOA, M. T. L. **A morte – entre o público e o privado**: Reflexões para a prática profissional de enfermagem. Revista de Enfermagem UFRJ, 14, 447-454, 2006.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

RODRIGUES, J. C. **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Literatura, crueldade e produtivismo*. In: DIAS, Ângela Maria; GLENADEL, Paula (Orgs.). **Estéticas da Crueldade**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

SPIILKA, B., STOUT, L., MINTON, B., & SIZEMORE, D. **Death and personal faith**: A psychometric investigation. Journal for the Scientific Study of Religion, 16, 169-178, 1977.

VOVELLE, Michel. *A história dos homens no espelho da morte*. In: BRAET, Herman & WERNER, Verbeke. **A morte na idade média**. São Paulo: EDUSP, 1996.